



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS**

LIDIANE NOGUEIRA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**AS VARIAÇÕES PARA O CONCEITO DE “SOVINA” NO MUNICÍPIO DE
MULUNGU-PB: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO DO LÉXICO**

**GUARABIRA
2017**

LIDIANE NOGUEIRA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

**AS VARIAÇÕES PARA O CONCEITO DE “SOVINA” NO MUNICÍPIO DE
MULUNGU-PB: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO DO LÉXICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Irineu de França Neto

**GUARABIRA
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

N244a Nascimento, Lidiane Nogueira de Oliveira

As variações para o conceito de "sovina" no município de Mulungu-PB: um estudo dialetológico do léxico / Lidiane Nogueira de Oliveira Nascimento. – Guarabira: UEPB, 2017.
22 p.

Artigo (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. João Irineu de França Neto”

1. Dialetologia. 2. Variação Diatópica. 3. Variantes Lexicais. I.Título.

22.ed. CDD 410

LIDIANE NOGUEIRA DE OLIVEIRA NASCIMENTO

AS VARIAÇÕES PARA O CONCEITO DE "SOVINA" NO MUNICÍPIO DE
MULUNGU-PB: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO DO LÉXICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de Graduação de Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em: 06/04/2017

BANCA EXAMINADORA

João Irineu de França Neto.
Prof. Dr. João Irineu de França Neto/UEPB
Orientador

Francinete Fernandes de Sousa
Prof. Dr. Francinete Fernandes de Sousa/UEPB
Examinadora

Clara B. de Almeida Vasconcelos
Prof. Ms. Clara Maya/a de Almeida Vasconcelos/UEPB
Examinadora

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. ESTUDOS DIALETOLÓGICOS	07
3. VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	10
3.1. Variação Lexical	10
3.2. Variação Diatópica	12
4. METODOLOGIA	13
5. ANÁLISE DOS DADOS	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
7. REFERÊNCIAS	20

AS VARIAÇÕES PARA O CONCEITO DE “SOVINA” NO MUNICÍPIO DE MULUNGU-PB: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO DO LÉXICO

Lidiane Nogueira de Oliveira Nascimento*

RESUMO

Nosso trabalho objetiva analisar as principais variantes lexicais encontradas para o conceito de “sovina”. Analisamos a questão 138 que faz parte do campo semântico “Convívio e comportamento social” do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Através de uma pesquisa quantitativa e qualitativa de caráter diatópico, realizada no município de Mulungu-PB, foram aplicados inquéritos, os quais foram gravados, com 12 informantes da localidade supracitada, tanto da cidade quanto da zona rural do município com o intuito de comparar os dados coletados em busca de possíveis diferenças lexicais entre as localidades. A base teórica de nosso trabalho foi fundamentada na Dialectologia e Sociolinguística, por meio dos estudos de CARDOSO (2010), TARALLO (2002), PRETI (2003) e outros. Ao final da pesquisa concluímos que existe variação diatópica com relação às localidades pesquisadas uma vez que, apesar de encontrarmos variantes que são comuns às duas localidades, algumas são predominantes em apenas uma delas. Outras variantes foram encontradas apenas na zona rural, além de outra variante que ocorreu apenas na fala de um informante da cidade. Verificamos também que os demais critérios utilizados na pesquisa, além do critério de localização geográfica, como faixa etária e escolaridade, não foram determinantes para a ocorrência das variantes registradas nos inquéritos.

Palavras-Chave: Dialectologia; Variação diatópica; Variantes lexicais.

1. INTRODUÇÃO

A língua não é estática. Está em constante processo de mudança. Os próprios falantes de uma determinada língua a utilizam de uma forma particular. Apesar de se fazerem compreender por outros falantes de sua comunidade linguística, uma vez que há regras pré-estabelecidas para que seja possível a comunicação, em cada uma dessas comunidades encontramos variação. A variação linguística consiste nas diferenças encontradas na fala de cada participante de uma comunidade linguística. Essa variação pode ser encontrada nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, sintático, semântico-lexical, etc. Em nosso trabalho abordamos especificamente a variação no nível lexical da linguagem.

As palavras em sua constituição carregam uma forma de conhecimento de um povo, uma vez que o vocabulário usado por um indivíduo pode trazer importantes informações

* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: lidianenogueiradeoliveira@gmail.com

sobre a cultura em que ele está inserido. O léxico pode causar tabus, caracterizar um povo, representar um código de determinado grupo social. Nesse contexto encontramos a variação lexical que apresenta o uso de diferentes palavras para expressar um conceito específico.

Com o intuito de conhecer de forma mais aprofundada a língua em seu contexto de uso, iniciaram-se os estudos da Sociolinguística Variacionista que juntamente com os estudos Dialetológicos buscam identificar as mudanças no campo da variação diastrática e diatópica, e põem em xeque a teoria da homogeneidade linguística. Diante da riqueza dos falares encontrados em todo o nosso país surgiu o interesse em estudar os fenômenos linguísticos presentes em cada região. Esses estudos deram origem ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) que contém informações coletadas através de questionários realizados durante alguns anos e em várias localidades de nosso país. Esses estudos possibilitaram um mapeamento das inúmeras variantes encontradas no Brasil.

Com o intuito de expandir as pesquisas pelo interior do país, especificamente no interior da Paraíba, surgiu o interesse por nosso estudo que faz parte de uma pesquisa maior sobre Variações Linguísticas na região do Brejo Paraibano, coordenada pelo Prof. Dr. João Irineu de França Neto. Essa pesquisa se trata de uma das investigações do Grupo de Pesquisa em Linguagens e Culturas Populares – GLICPOP, consistindo na aplicação do questionário do ALiB como instrumento metodológico.

Nossa pesquisa foi norteadada pelo seguinte problema: Quais as variantes encontradas para o conceito de “sovina” no município de Mulungu-PB.? A partir desse questionamento inicial surgiu também a seguinte questão: Existem diferenças entre as variantes realizadas na cidade e na zona rural do município escolhido para a realização da pesquisa? Conseqüentemente, nossa pesquisa objetiva identificar as principais variantes lexicais para o conceito escolhido, cuja pergunta no Questionário Semântico-lexical é: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar dinheiro e às vezes passa até dificuldade pra não gastar?”, que se encontra no campo semântico “Convívio e comportamento social” do ALiB. Também buscamos analisar os dados coletados à luz da Dialetologia, comparando dados da cidade com dados da zona rural do município, no intuito de encontrar diferenças lexicais entre as localidades pesquisadas (critério diatópico) e identificando, quando possível, as motivações para a variante encontrada.

Como já foi mencionado, surgiu a necessidade de avançar com os estudos Dialetológicos para lugares ainda não investigados. Procuramos realizar os inquéritos para o registro das variantes no município de Mulungu-PB por não haver registros de estudos específicos como este no local. Ao realizá-lo buscamos dar nossa contribuição junto à

comunidade científica e acadêmica para a expansão de pesquisas sobre os dialetos brasileiros, proporcionando o aprimoramento desses estudos e um maior conhecimento quanto à linguagem dessas localidades, bem como conservar dados que apresentam/representam uma cultura própria e que nem sempre são perpetuados por outras gerações, seja por não haver uma valorização, uma vez que existe também uma estigmatização perpetrada pelos próprios participantes das comunidades linguísticas, seja pelo contato com diferentes culturas, meios de comunicação e outras formas linguísticas que não o vernáculo originário dessas comunidades.

2. ESTUDOS DIALETOLÓGICOS

A dialetologia é definida por Cardoso (2010, p.15) como sendo “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Seus estudos iniciais datam do século XVIII quando se passou a dar uma maior importância aos chamados dialetos de uma sociedade.

As definições de dialeto são inúmeras. Veremos ao longo do trabalho algumas delas. Elia (2000) traz várias considerações sobre língua x dialeto. Ele os designa como espécies de falares que em sua concepção, são “todas as variedades linguísticas coletivas”. Após tecer comentários sobre a etimologia do conceito de dialeto e suas definições ao longo da história, e ainda apresentar uma concepção moderna e popular de dialeto, o autor ainda apresenta algumas definições específicas tanto para língua como para dialeto. Vejamos cada uma delas: “Língua: falar de uma comunidade, estruturalmente diferenciado, portador de apreciável tradição cultural e reconhecido oficialmente por um Estado como forma de comunicação em suas relações internas e externas”. (ELIA, 2000, p.15). A seguir a definição dada pelo autor para dialeto:

[...] falar de uma comunidade parte de uma comunidade maior, com cujo falar mantém afinidades estruturais, praticado geralmente sob a forma oral e não reconhecido por um Estado como forma de comunicação em suas relações internas e externas. (ELIA, 2000, p.15).

Essa definição nos apresenta o dialeto como uma “extensão” de língua, sendo utilizado apenas por uma parte da comunidade linguística e que não possui o mesmo status social, uma vez que nessa concepção a língua é como um padrão a ser seguido pelos falantes dessa comunidade. A essa definição podemos acrescentar o que Mateus e Cardeira (2007, p. 21) definem como “norma da língua” que consiste em uma “modalidade linguística escolhida por uma sociedade enquanto modelo de comunicação. É, portanto, um modelo, um **padrão** supradialectal”.

Em uma concepção um pouco mais moderna Mateus e Cardeira (2007) falam em dialetos, os quais dizem ser “variedades nacionais de uma língua [...] constituídas por variantes geográficas”. Nessa concepção surge o critério diatópico em que as variedades de uma língua são identificadas de acordo com sua localização geográfica. Sobre questões diatópicas falaremos com maior especificidade ao longo de nosso trabalho. Vejamos o que afirmam as autoras com relação ao status anteriormente conferido ao dialeto:

[...] o termo dialecto não se aplica hoje a uma forma ‘diferente’ (e até desprestigiada) de falar uma língua, como foi durante séculos e por razões políticas, mas indica ‘qualquer’ forma de falar uma língua conforme a região a que pertence o falante. (MATEUS; CARDEIRA, 2007, p. 58-59)

Nessa concepção passamos de uma definição de caráter social para uma abordagem geográfica, em que o critério utilizado não mais está relacionado ao tipo de falante, mas sim ao local em que este vive e exerce seu falar propriamente dito.

Há ainda outra questão relacionada às definições de dialeto uma vez que dentro de uma mesma região encontram-se o que chamamos de idioletos, definido por Langacker (1980) como sendo o dialeto de um indivíduo, já que pessoas podem falar a mesma língua e até o mesmo dialeto, entretanto deixam transparecer suas características peculiares inerentes a cada sujeito, características estas que se estendem ao léxico/sintaxe/semântica utilizado por este indivíduo.

Com a importância que passaram a ter os diferentes dialetos surgiram inúmeros estudos dialetológicos, os quais trouxeram grande contribuição para os estudos atuais. Entretanto por serem pioneiros não havia ainda critérios bem definidos como os que são utilizados hoje nas pesquisas da área.

No ano de 1807 o barão Charles-Étienne Coquebert de Montbret realizou de acordo com Cardoso (2010) o “primeiro grande inquérito” feito por correspondência. O inquérito

usou como base a parábola do filho pródigo por se tratar de um texto bastante conhecido e por apresentar estruturas simples. O estudo consistia em reunir através das informações de pessoas de localidades específicas, traduções da parábola na língua utilizada pelos informantes e registrou 86 traduções da parábola, em sua maioria com variedades da língua francesa e do provençal.

Estudo também bastante importante foi feito por Jules Gilliéron em 1887 para o *Atlas Linguistique de la France*. O estudo que se destacou também por ser o primeiro a usar em sua metodologia a geografia linguística, que de acordo com Mateus e Cardeira (2007 p.59), consiste na “apresentação dos *registros* linguísticos de um território sob a forma de mapas”, foi publicado em Paris entre 1902 a 1910 e realizado por um inquiridor chamado Edmond Edmont. Cardoso (2010, p.42) descreve os detalhes da pesquisa:

[...] Gillierón empreende a documentação do falar de 639 localidades a partir da aplicação de um questionário de inicialmente, cerca de 1.400 perguntas, vindo a alcançar um total de 1.900 perguntas ao final dos inquéritos. Ao lado das palavras isoladas, o questionário continha uma centena de frases que permitiram estudos sobretudo no que se refere à morfologia verbal.

Ainda falando sobre o estudo, Cardoso (2010) afirma que apesar da grande quantidade de questões, o estudo de Gillierón foi criticado por ser considerado incompleto e por não apresentar em sua composição palavras consideradas de grande importância em se tratando de estudos linguísticos, além da crítica pela ausência de critérios de cunho social, o que o tornaria mais completo, uma vez que não foi possível, entre outras questões, analisar nem comparar as respostas correspondentes à faixa etária dos informantes.

Na obra de Cardoso (2010) encontramos vários exemplos de estudos feitos no Brasil. Podemos citar entre os trabalhos dialetológicos pioneiros o estudo realizado por Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, estudo encomendado pelo geógrafo vêneta Adrian Balbi que data de 1826 comparando o português brasileiro com o português de Portugal. Em 1920 foi publicado *O dialeto caipira*, obra de Amadeu do Amaral que consistia em um estudo do “falar caipira” de uma área do estado de São Paulo. Já em 1922, Antenor Nascentes publicou sua obra intitulada *O linguajar carioca em 1922* que depois passou a se chamar apenas *O linguajar carioca*. O estudo trata de aspectos fonéticos, morfológicos, lexicais e também da sintaxe do dialeto carioca.

Ao longo dos estudos realizados foram sendo desenvolvidas novas metodologias, as quais permitiram um mapeamento mais detalhado dos dialetos das localidades pesquisadas.

3. VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Como já mencionamos as línguas não são homogêneas. Elas apresentam o que chamamos de variação. Bagno (2008) define variação linguística como as diferentes formas de se utilizar a própria língua. Esta, segundo o autor, tem uma característica própria de acordo com o lugar em que é falada e nem todos a utilizam rigorosamente da mesma forma em todo o tempo. Podemos identificar variações com relação ao que Bagno (2007) chama de “fatores extralinguísticos” ou “sociais” como, por exemplo, na fala de homens e mulheres, (sexo) jovens e idosos, (idade) indivíduos provenientes da cidade ou da zona rural, (origem geográfica) pessoas que tiveram maior acesso à escola ou não, (escolaridade) entre outros tipos de variação, como a relacionada ao ambiente de trabalho de alguém (profissão) ou até mesmo ao grupo a que esta pessoa pertence socialmente, bem como seu tipo de renda (status socioeconômico). Além de estar relacionada a esses fatores, a variação também aparece na sintaxe, na semântica ou no léxico de uma língua, assim como na estilística, ou seja, na situação comunicativa a que o falante está exposto. Bagno (2007, p.45) exemplifica:

Essa situação pode ser de maior ou menor formalidade, de maior ou menor tensão psicológica, [...] de maior ou menor intimidade com a tarefa comunicativa que temos a desempenhar etc. Cada um desses tipos de situação vai exigir do falante um controle, uma atenção e um planejamento maior ou menor do seu comportamento em geral, das suas atitudes e, evidentemente, do seu comportamento verbal.

São várias as possíveis causas da variação a qual advém de uma sociedade igualmente “variável”, heterogênea em que seus falantes possuem características próprias que se estendem ao modo como atuam linguisticamente em sociedade. As formas de se expressar são as mais diversas, ao passo que influenciam constantemente as mudanças que ocorrem na língua de sua comunidade de fala. Como afirma Langacker (1980, p.60) em sua obra *A linguagem e sua estrutura* que “A diversidade linguística existe porque as línguas são aprendidas e usadas e porque o aprendizado de uma língua e seu uso são processos criativos que compreendem um sistema extremamente complexo”. Ou seja, as línguas são repassadas de um falante para outro e cada um deste que a aprende utiliza esse “sistema complexo” de forma particular.

3.1 Variação lexical

O léxico de uma língua traduz muito sobre os costumes, crenças e conhecimentos de uma comunidade linguística. Também designado como vocabulário e palavra, esta para Basílio (2007 p.13) é “uma dessas unidades linguísticas muito fáceis de reconhecer, mas difíceis de definir”. Para Aragão (2014) a dificuldade para uma definição de léxico acontece por ele apresentar um inventário aberto no qual se podem criar ou modificar seu conteúdo de acordo com as necessidades linguísticas de seus usuários.

Entretanto, encontramos algumas definições que elucidam o que vem a ser o léxico. Dentre elas vejamos o que Bezerra (2004, p.12) nos diz sobre ele ao qual acrescenta também o conceito de vocabulário:

Convencionou-se chamar de léxico todo o conjunto de palavras de uma língua (dicionarizadas ou não, tidas como cultas ou não, escritas ou faladas) e de vocabulário o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação (o grupo de palavras de um determinado texto, o grupo de palavras utilizado por um determinado escritor em sua obra, por um profissional no exercício da profissão, por jovens em seu grupo de amigos [...] e tantas outras situações).

De acordo com a autora, o termo léxico é mais abrangente reunindo todas as palavras de uma língua, enquanto o vocabulário restringe-se a uma parte específica deste conjunto que é utilizado por uma parte da comunidade linguística, entre eles alguns grupos sociais que fazem uso de sua língua utilizando particularidades desse léxico.

Ainda falando sobre a utilização do léxico pelos falantes de uma língua, Costa e Isquierdo (2014, p. 144) afirmam que:

[...] a partir da nomeação dos elementos que o circundam, o homem imprime seus valores e expressa suas impressões sobre a realidade, razão pela qual o repertório lexical de um grupo social evidencia não só aspectos da identificação da realidade do falante como também traços particulares de sua maneira pessoal de pensar e de agir, suas ideologias e crenças. Como o usuário da língua carrega consigo seu vocabulário, ao mesmo tempo em que propaga sua norma lexical, contribui para particularizá-la em um determinado espaço geográfico.

Esta particularidade geográfica se trata dos dialetos, onde também encontramos o que chamamos de variação lexical, ou mais especificamente em se tratando de palavras, de variantes lexicais. Tarallo (2002) fala em “variantes linguísticas” as quais compreendem entre outras, as variantes lexicais. A variante linguística apresenta a realização de um mesmo

conceito dito a partir da utilização de outras construções linguísticas, ou seja, para um determinado conceito existe um correspondente que é utilizado tanto quanto o conceito original ou desconhecido por determinados falantes e conhecido por outros.

O Brasil possui uma vasta extensão territorial e não é difícil encontramos falantes que embora partilhem da mesma língua, podem estabelecer diálogos incompreensíveis para outro falante da língua portuguesa, seja ele brasileiro ou português. A estrutura lexical de nossa língua contém palavras oriundas do tupi, africanismos, estrangeirismos, tudo isso “adicionado” ao português, retrato de sua colonização, mas que se diferencia enormemente do português europeu. Nosso país ainda conta com palavras típicas de uma determinada região, estado ou município que são conhecidas pela maioria de seus moradores, mas, por vezes completamente desconhecidas por indivíduos de outra localidade.

A variação depende de vários fatores para ocorrer. Aragão (2014, p. 129) afirma que “Os contextos socioculturais em que a língua ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.”, ou seja, analisando apenas aspectos linguísticos seria infinitamente mais difícil compreender a variação, seja ela lexical, semântica, fonológica, etc. Por isso é necessário levarmos em conta aspectos como localização, faixa etária, contexto socioeconômico entre outros, que levará o pesquisador da língua a compreender de forma mais aprofundada o porquê do uso de uma forma ao invés de outra, a motivação por trás da escolha do falante que pode abranger outras questões como aspectos religiosos ou profissionais, por exemplo, bem como outras motivações que só podem ser conhecidas através do contexto de uso da língua.

3.2 Variação diatópica

Assim como determinadas localidades apresentam costumes, cultura e até mesmo alimentos que são típicos do local, podemos afirmar que a língua apresenta variação de acordo com a localidade em que é falada. A essa variação chamamos de diatópica, também denominada por Preti (2003, p. 24) como variedades geográficas: “São aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados *regionalismos*, provenientes de *dialetos* ou *falares locais*.” A essa afirmação acrescenta ainda que:

Suas manifestações são contidas na comunidade por uma hipotética *linguagem comum* do ponto de vista geográfico que, sendo geralmente compreendida e aceita, contribui para o nivelamento das diferenças regionais (PRETI, 2003, p. 24).

Para o autor essas variedades são divididas basicamente em dois tipos: Linguagem urbana e linguagem rural. Uma diz respeito à “linguagem comum” que tem maior realização devido à cultura em que estamos inseridos que tende a tentar padronizar a linguagem e, quanto à outra, Preti afirma estar em extinção gradual devido “a chegada da civilização”.

Apesar de parecer que está havendo uma “padronização” na linguagem, com o crescimento dos meios de comunicação que tentam sutilmente modificar dialetos e vocabulários, ainda encontramos diferenças quando tratamos de locais distintos, mesmo que tenham uma proximidade, seja ela regional, ou mesmo local. Essas diferenças são inerentes aos falantes que de um modo ou de outro reverberam seus costumes linguísticos ainda que em menor escala, fazendo com que seu dialeto seja percebido em localidades diferentes da que vive, sendo assim identificado de acordo com sua fala, com seu léxico.

4. METODOLOGIA

Para nosso estudo, foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa feita por meio da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB. Para o presente trabalho foi selecionada a pergunta 138 do referido questionário: “Como se chama a pessoa que não gosta de gastar dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?”, referente ao conceito de “sovina” encontrado no campo semântico “Convívio e Comportamento Social”. Por se tratar de uma pesquisa Dialetológica, que utilizou como método a Geolinguística, na qual abordamos a variação de caráter diatópico, o principal critério para a escolha dos informantes foi a localização destes. Os demais critérios utilizados foram faixa etária e escolaridade dos informantes.

Escolhemos uma amostra com 12 informantes, tanto homens quanto mulheres, sendo 6 moradores da zona rural e 6 moradores da cidade. Na zona rural foram feitos inquéritos com pessoas do Sítio Poço de Pedra e também do Sítio Tigre. Alguns dos entrevistados nasceram nas localidades utilizadas como ponto de inquérito, outros vieram ainda criança ou adolescentes para morar no local. Por virem de localidades muito próximas a que realizamos a pesquisa, aqueles que chegaram adolescentes conservam a forma de falar dos demais informantes da localidade pesquisada. Segundo os critérios de faixa etária, selecionamos

informantes com idade entre 18 e 30 anos (faixa etária I) e também entre 50 e 65 anos, (faixa etária II). Já com relação à escolaridade, optamos por pessoas analfabetas ou que cursaram até o 5º ano do fundamental (escolaridade I) e também do 6º ano do fundamental a 3ª série do Ensino Médio (escolaridade II). Vejamos as tabelas especificando os informantes:

Nome	Local	Faixa Etária	Escolaridade	Sexo
Informante 1	Sítio	18 – 30 anos	0-5 anos	Feminino
Informante 2	Sítio		6 -10 anos ou mais	Feminino
Informante 3	Sítio			Masculino
Informante 4	Sítio	50 – 65 anos	0-5 anos	Feminino
Informante 5	Sítio		6-10 anos ou mais	Feminino
Informante 6	Sítio			Masculino

Dos 6 informantes do sítio encontramos: 3 jovens e 3 idosos, dos quais 4 são do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Quanto à escolaridade: 3 informantes de até 5 anos (faixa I) e 3 de 6 até 10 anos ou +. (faixa II).

Nome	Local	Faixa Etária	Escolaridade	Sexo	
Informante 7	Cidade	18 – 30 anos	0-5 anos	Feminino	
			6 -10 anos ou mais		Feminino
					Masculino
Informante 8	Cidade	18 – 30 anos	6 -10 anos ou mais	Feminino	
Informante 9	Cidade			Masculino	

Informante 10	Cidade	50 – 65 anos	0-5 anos	Feminino
Informante 11	Cidade		6-10 anos ou mais	Feminino
Informante 12	Cidade			Masculino

Dos 6 informantes da cidade encontramos: 3 jovens e 3 idosos, dos quais 4 são do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Quanto à escolaridade: 2 informantes de até 5 anos (faixa I) e 4 de 6 até 10 anos ou + (faixa II).

O município escolhido para a realização da pesquisa está localizado a uma distância de 92 Km da capital Paraíba, João Pessoa, e 3.094 Km da capital federal, Brasília, e 28 Km da cidade de Guarabira, com quem mantém maior relacionamento. Possui de acordo com dados do IBGE (2016) uma população de 9.882 habitantes, sendo 4.536 pessoas residentes na zona urbana e 4.933 na zona rural, o que inclui os sítios em que realizamos a pesquisa, embora não sejam dados específicos sobre os dois sítios, uma vez que incluem toda a zona rural pertencente aos limites do município.

Os informantes responderam ao questionário aplicado por meio de entrevistas, as quais foram filmadas. Para as filmagens, foi utilizada uma câmera com 13 megapixels. Após a coleta de dados, com o registro das variantes lexicais para o conceito escolhido, sistematizamos essas variantes no Excel. A partir dos dados coletados nos pontos de inquérito avaliamos como se realizam as variantes lexicais para o conceito escolhido na fala de informantes do município de Mulungu-PB.

5. ANÁLISE DOS DADOS

O conceito do Questionário Semântico-Lexical/ALiB escolhido para análise é “sovina” (“pessoa que não gosta de gastar dinheiro”). Tal conceito apresenta um aspecto pejorativo em suas variantes. A figura do sovina aparece personificada em personagens como Scrooge da obra *Um conto de Natal* de Charles Dickens, Tio Patinhas, do desenho animado de Walt Disney, Julius, do seriado americano *Todo mundo odeia o Cris*. Todos conhecem alguém que faz de tudo para não ter gastos extras e que não gosta de contribuir com nada. No contexto social encontram-se inúmeras variantes para o conceito, muitas delas com peculiaridades que

em sua maioria descrevem o comportamento do indivíduo, sejam em uma única palavra, ou por vezes através de palavras compostas, mas que sempre buscam representar características encontradas em pessoas com esse “perfil”.

Em nosso estudo também buscamos encontrar, quando possível, através das informações coletadas quais as motivações para os conceitos. Em alguns momentos do inquérito era comum que os informantes achassem engraçado quando lhes era apresentada a questão, uma vez que o conceito faz parte do campo semântico “Convívio e comportamento social” e as definições dadas pelos informantes nos inquéritos são por vezes um tanto quanto pitorescas ao retratarem esse tipo de comportamento.

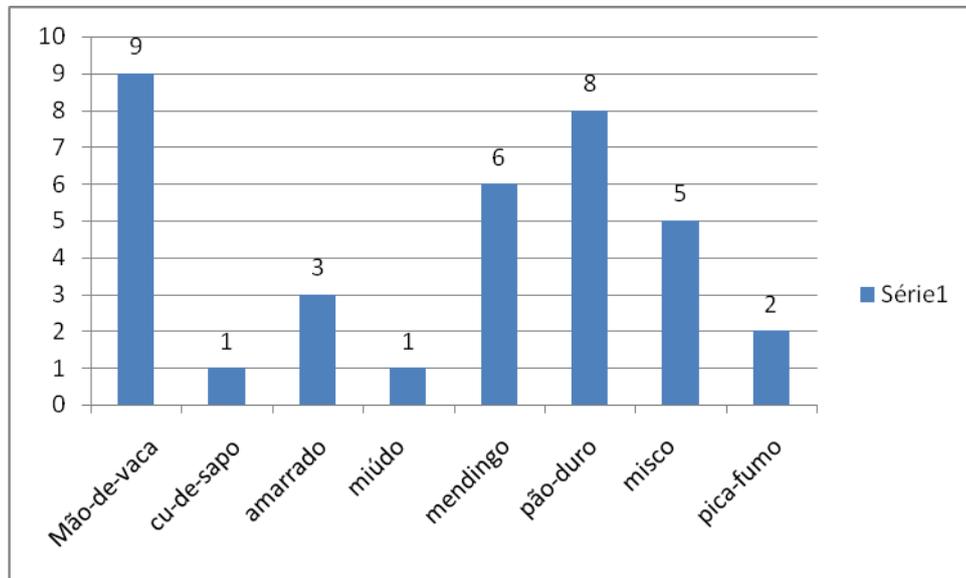
Ao todo foram encontradas 15 variantes para o conceito escolhido. Segue o quadro com essas variantes e o número de vezes em que ocorreram na pesquisa:

Variantes	Nº de ocorrências
Mão-de-vaca	9
Cu-de-sapo	1
Amarrado	3
Miúdo	1
Mendingo	6
Pão-duro	8
Misco	5
Pica-fumo	2
Unha-de-fome	1
Sovino	1
Fona	1
Econômico	1
Muquirana	1
Mão-fechada	1
Cafona	1

Algumas variantes foram encontradas em ambas as localizações, entretanto foram predominantes em apenas uma delas. Outras foram encontradas apenas na fala de informantes da zona rural e por último uma única variante que foi realizada apenas por um informante da cidade.

No gráfico a seguir, vejamos uma relação com as principais variantes registradas na pesquisa sem uma distinção da cidade e dos sítios:

Gráfico 1 – Ocorrência das principais variantes de sovina em Mulungu-PB



Fonte: Produzido pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Com esse gráfico constatamos que as variantes lexicais mais frequentes no uso da língua falada nas localidades pesquisadas são: “mão-de-vaca” e “pão-duro”, seguidas pela variante “mendingo”. Registrada na fala de 9 informantes, constando 21,4% do total de ocorrências, a lexia “mão-de-vaca” foi a mais produtiva. Dos 9 informantes que realizaram na sua fala essa variante, 3 são da cidade e 6 da zona rural, o que revela um índice maior de ocorrência da variante na localidade rural, representando um aspecto de variação diatópica. A lexia “pão-duro”, registrada por 8 informantes e tendo um percentual de 19,0%, também apresentou maior ocorrência na zona rural. Já a lexia “mendingo”, com 6 ocorrências e percentual de 14,3%, que também se encontra entre as realizações mais ocorridas, prevaleceu na fala de informantes da cidade. As demais apresentaram uma quantidade menor de ocorrências na coleta dos dados, porém, não deixam de ser interessantes e apresentarem aspectos curiosos em seus significados.

Agora vejamos um quadro que apresenta as variantes encontradas em ambas as localidades, aquelas que ocorreram apenas na zona rural e outra que ocorreu apenas na cidade:

Cidade e Zona Rural	Zona Rural	Cidade
Mão-de-vaca	Cu-de-sapo	Cafona

Pão-duro	Miúdo	
Mendingo	Unha-de-fome	
Misco	Sovino	
Amarrado	Fona	
Pica-fumo	Econômico	
	Muquirana	
	Mão-fechada	

Algumas ocorrências foram encontradas em ambas as localidades. Já a lexia “cafona” ocorreu apenas na cidade, enquanto as variantes “cu-de-sapo”, “miúdo”, “unha de fome”, “sovino”, “fona”, “econômico”, “muquirana” e “mão-fechada” foram registradas apenas na fala de informantes da zona rural. São registros que não se repetiram, ou seja, foram encontrados em uma quantidade mínima, porém revelam que há diferença entre as localidades, em que falantes da zona rural conhecem além das lexias mais usadas, outras que não são conhecidas por informantes da cidade.

Para tentarmos estabelecer uma relação entre algumas das variantes encontradas e suas motivações lançamos mão dos dicionários *Novo Aurélio Século XXI* e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* nos quais encontramos algumas definições para as variantes. A lexia “mão-de-vaca” refere-se à pessoa avarenta, sovina. O vocábulo “pão-duro” também faz referência a sovina, entretanto no *Novo Aurélio Século XXI* encontramos uma definição interessante: “Da alcunha de um avarento que se alimentava com o pão duro que lhe dava uma padaria”. No caso da variante “mendingo” trata-se de um fenômeno relacionado a uma questão semântica: A extensão de sentido. Nessa concepção, o sentido original de “indivíduo que pede esmolas, que vive da caridade alheia” passa a significar o indivíduo que não consegue partilhar, pessoa que não é generosa, que realmente não gosta de compartilhar seus bens e recursos financeiros com outras pessoas.

Para o vocábulo “misco” não encontramos registro no dicionário. A variante “pica-fumo” também é apresentada como sinônimo de “avaro”, ou seja, pessoa avarenta. Nos inquéritos registramos também a lexia “amarrado”. Para esta variante não encontramos no dicionário registro de que signifique o mesmo que sovina, entretanto uma das informantes nos deu uma explicação interessante para o conceito: Segundo ela, o sentido para a variante se encontra em uma analogia a algo ou alguém que está preso, “amarrado”. Neste caso quem está preso não se solta. Já algo amarrado, por exemplo, uma sacola ou algo semelhante, não

permite que seu conteúdo se perca causando algum prejuízo. Seria uma referência à pessoa que não “solta” seu dinheiro, que não admite perder nada da riqueza que lhe pertence e assim não compartilha com outros o que possui. Registramos também o vocábulo “fona” do qual não há registro de sua utilização no dicionário Aurélio, porém encontramos no Houaiss como sinônimo de mesquinho.

Analisamos as variantes encontradas na zona rural e na cidade, tentando encontrar diferenças, portanto usamos o critério diatópico. Diante dos resultados constatamos diferenças significativas em relação às variantes entre as localidades, ou seja, algumas variantes foram encontradas apenas na zona rural, outras foram realizadas na fala de informantes de ambas as localidades e apenas a lexia “cafona”, cuja definição também apresenta uma extensão de sentido em que “pessoa de mau gosto” passa a significar pessoa avarenta, que acreditamos ser uma variação da lexia “fona” foi encontrada exclusivamente na cidade. Algumas são bastante utilizadas no vocabulário dos falantes do município, pois, ocorreram várias vezes durante a realização das entrevistas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nosso trabalho tecemos considerações sobre a Dialectologia e seus estudos ao longo do tempo. Nossa pesquisa buscou trazer contribuições para a área realizando um estudo inédito dentro do município escolhido para a realização dos inquéritos. Os resultados encontrados foram muito interessantes e também contribuíram para um melhor conhecimento das possíveis utilizações do léxico e seu papel na(s) comunidade (s) linguística(s). Por trabalhar um conceito um tanto quanto pejorativo no falar de indivíduos da comunidade, percebemos o quanto as lexias podem carregar em sua concepção a visão de mundo dos falantes de uma língua e que muitas vezes a perpassam para os falantes das novas gerações que compartilham a mesma comunidade linguística, uma vez que pessoas de faixas etárias distintas muitas vezes realizavam a mesma variante durante a aplicação dos inquéritos.

Como nosso principal critério para a realização da pesquisa foi de caráter diatópico, tentamos encontrar diferenças no léxico de informantes da zona rural e da cidade, e para tanto analisamos as variantes encontradas em ambas as localidades. Ao fim da pesquisa constatamos diferenças significativas relacionadas às variantes registradas nas duas localidades. Algumas delas ocorreram apenas na zona rural do município, enquanto outras ocorreram na fala de informantes tanto da zona rural quanto da cidade, e apenas uma variante ocorreu exclusivamente na cidade. Algumas das realizações constatadas na pesquisa foram

bastante frequentes o que nos leva a crer que são bastante utilizadas na linguagem dos falantes do município em questão.

Esperamos com nosso estudo incentivar as pesquisas dialetológicas em localidades afastadas dos grandes centros urbanos. Estas localidades conservam riquíssimo acervo linguístico e cultural e refletem em seu léxico peculiaridades de seus habitantes, como suas crenças e sua visão de mundo, driblando tabus e preconceitos ligados ao seu falar típico. Por tratar da variação lexical, nosso trabalho apresenta uma pequena possibilidade das inúmeras que podem ser abordadas em trabalhos semelhantes de caráter dialetológico promovendo assim estudos cada vez mais significativos e detalhados que podem levar a um panorama ainda maior de nossa variedade linguística que é de grande riqueza para nosso país.

ABSTRACT

Our work aims to analyze the main lexical variants found for the concept of “sovina”. We analyze question 138 that is part of the semantic field "Social behavior and conviviality" of the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB). Through a quantitative and qualitative research of diatopic character, carried out in the city of Mulungu-PB, surveys were applied, which were recorded, with 12 informants from the above-mentioned locality, both in the city and in the rural area of the municipality in order to compare the Data collected in search of possible lexical differences between localities. The theoretical basis of our work was based on Dialectology and Sociolinguistics, through the studies of CARDOSO (2010), TARALLO (2002), PRETI (2003) and others. At the end of the research, we conclude that diatopic variation exists in relation to the studied localities since, although we find variants that are common to both localities, some are predominant in only one of them. Other variants were found only in the rural area, besides another variant that occurred only in the speech of an informant of the city. We also verified that the other criteria used in the research, besides the criterion of geographical location, such as age group and schooling, were not determinant for the occurrence of the variants recorded in the surveys.

Keywords: Dialectology; Diatopic variation; Lexical variants.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variantes regionais e sociais de “prostituta” em capitais nordestinas: Dados do ALIB. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.); et al. **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 43-45.
- _____. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 50 ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2008.
- BARBOSA, Carlos Alberto Virgínio. **Contribuição ao modelo de gestão dos resíduos sólidos urbanos do município de Mulungu –PB**. UFPB, 2010. 92 p.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. O vocabulário na pesquisa e no ensino. In: _____ (Org). **Estudar vocabulário: Como e para quê?** Campina Grande: Bagagem, 2004.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: Tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (Brasil). **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: UEL, 2001.
- COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. “Menino”, “guri”, “piá”, “curumim” e “moleque” nas capitais brasileiras: Contribuições do projeto ALIB. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.); et al. **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2014.
- ELIA, Sílvio. **A língua Portuguesa no mundo**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 10-15.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. tot. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2 reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura**. Tradução de Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1980.
- MATEUS, Maria Helena Mira; CARDEIRA, Esperança. **Norma e variação**. Lisboa: Caminho, 2007.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os níveis de fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira**. 9 ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 11-40.
- TARALLO Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.